

ANNO VII

RIO GRANDE

POTYGO

REVISTA MENS

DA

Officina Litteraria "Loariva"

NATAL — MAI

DIRECTOR

Golhardo Netto

REDACTORES

Ivo Filho
Ponciano Barbosa
Forge Fernandes



ASSIGNATURAS

Trimestre 1\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

LYRA POSTHUMA

Porangaba...

*Minha gentil Porangaba,
Imagem, visão querida,
Só teu amor me conforta
Nos agros tranzes da vida.*

*Quando ouço a jurity
Soltar saudosa um gemido,
Saudoso pensando em ti,
Respondo com um ar dorido.*

*Se na campina deserta
Terno sabiú gorgeia,
Desse amor que me inspiraste
Voraz a chammita se ateia.*

*Ou procure a povoação
Ou divague na espessura,
Mostra-me a mente arrasada
Tua elegante figura.*

*Embora de ti ausente
Da saudade eu sinto a dor,
Serão teus os meus suspiros,
Minha afeição, meu amor.*

*Da vida o doce prazer
Em mim fenecê e se acaba,
Só esse amor não faltece
Minha gentil Porangaba.*

Loarival AQUEENA

POTY

Director, Gothardo Netto—Redactores: J.

ANTONIO MARINHO

Empenhado acendradamente na lucta titanica e pacifica das letras; internando-se nos problemas transcendentaes do Vago e do Incognito; robustecendo o espirito e definhando os tecidos do seu organismo, Antonio Marinho foi sempre um artista nobre, cujas idéas positivas, solidamente firmadas em estaticos fundamentos, nunca se martyrisaram com os tons esfumados do venal bandeirismo litterario.

Tersando o gladio dos principios superiores, brandindo-o em arenas diversas; tersando-o e brandindo-o num altivo arremesso, de encontro a ativos arremettentes, esteve sempre na conquista magnifica da gloria, abatendo, corajoso, a dorso pseudo-inflexiva dos *iniciados* da Sciencia e Estheta.

A' semelhanca dos sonhadores guerrilheiros das éras que se toram, dos tempos que fugiram atropeliados, desfasando e arruinando, A. Marinho, escudado em theorias inamoviveis, trasia, constante, aos repelões, os trefegos e loquases aventureiros, prégadores de conceitos e de philosophias doentes.

Foi por isso um odiado. E aprofundando-se nas soluções demonstrativas de theoremas puramente psychologicos, louco libertario de proposições envelhecidas, de sentenças caducas e más, foi cruelmente, atrocemente e desapiedadamente epithetado de *peruostico*, (vocabulo que se julgava em adaptado áquelles que se voltavam á pesquisa de novas idéas) no decorrer imbecil daquelles dias, que lhe trouxeram, unicamente, o morbus voraz que o levou ao arruinamento, ás escuras e apavorantes zonas do Nirvanismo.

O convencionalismo social torturou-o, mas não o venceu. Menoscabaram-lhe o diser sadio e sincero as opiniões lançadas nos cantões e nas esquinas, *centros litterarios* fortemente e acoremente verberados por elle.

Disseram mal da sua Fôrma, do brunido espectral dos seus periodos, dos seus periodos febris e transluídos, translucidos e febris como os dardejos e as coruscações de um sol.

A ingrata necessidade conservadora dos tecidos e das cellulas, a *ganhar a vida* feroz e desiludidor levou-o ás regiões amasonicas, conduziu-o ao maior dos pantanos. Mas, o seu caracter impoluto rebellou-se contra ás acções impoliticas do chefe da repartição em que funcionava, e regressou, então, á terra que lhe havia de guardar os restos mortaes, com o mesmo carinho que *emplumava* o seu *primeiro syllio*.

Os momentos celeron. ente galopavam. E a molestia diluía-lhe o corpo, forte, austera, deshumana e terrível.

De olhos como que cerrados, o Magno da Arte fitava as chimeras que se ficavam distantes, os odios que se iam amertecendo para resurgirem em acclamatoria admiração, logo que elle se encaminhasse para o Não-Mais. Tendo essa quasi ultima visão, Antonio Marinho tambem contemplava sem soberbia e sem vaidade, a magnitude, a excelsa magestade para onde se approximava, por entre os descontentes que boqueabriam, o seu nome excellente e engrandecido.



Coisas dispersa

Atravessamos agora uma época funda ebullição litteraria e de matanças politicas.

Reina por toda parte uma lucta patica, um combate vigoroso no das idéas, no terreno das artes e das sciencias, na dilatada esfera da religião ou do trabalho.

E' um indicio forte e lisonjeiro de Vida intensa e fecunda, desse Animo desassombrado e livre de que carecemos para as nossas impulsões progressistas.

Nos dominios da politica, constata-se admiraveis desenvolvimentos. Não somos já o povo solerte de outr'ora, despreocupado dos deveres que lhe outórta uma constituição—que não receia confrontos com os mais perfeitos códigos por que se regem as nacionalidades cultas do planéta.

A ultima campanha eleitoral, agitando os corações e as consciencias republicanas, deixou de sobra patenteado que as collectividades de nossa patria começam a

desoladora manifestação de fragilidade de espirito.

E' isto mesmo.

Nós atravessamos periodos de injustificavel indifference por tudo quanto se prende ás coisas do cérebro.

Uma ou outra capacidade, compenetrada de deveres preponderantes, apparece quotidianamente nas folhas de mais dilatada circulação.

Porém hoje assistimos a mudanças radicaes nos nossos velhos habitos litterarios.

A mocidade agita-se.

Varios gremios apparecem, compostos de formosas intelligencias.

Multiplicam-se os conferencistas, abordando assumptos de diversos matizes.

Uns tratam de coisas puramente phantasticas, dando mostras de fina capacidade humoristica.

Outros falam sobre o Amôr, esse terno assassino e bemfeitor da humanidade; — expendem conceitos sobre o *Feminismo*, um capitulo bem escabroso de psychologia social.

Alguns, ainda, perlustram os dominios da Historia, como o talentoso amigo Ivo Filho, que estudou o perfil extraordinario do agitadôr Tiradentes.

O desventuroso alferes tem sido desvirtuado nas suas magnanimas intencões pelos commentarios descriteriosos da posteridade.

E' certo que Silva Xavier não dispunha de meios que lhe garantissem a victoria.

E demais, as almas denegridas como a de Silverio dos Reis abundam por toda parte.

Si o movimento politico de Novembro de 89 não houvesse alcançado o mais ruído e fulgurante successo, Deodoro da Fonsêca e Benjamin Constant não seriam apresentados hodiernamente como exemplos empolgantes de patriotismo.

Apezar de não possuir convicções monarchicas, entendo que muito melhor elevação teve o espirito de Pedro Segundo, acceitando as condições extremas do seu degrêdo, com a grande alma sempre serena e sempre commiserada pelas misérias politicas de seu tempo.

Estamos assistindo, como disse ácima, a uma notavel ebulição litteraria.

Possuimos um pouco de tudo, presentemente.

... e a conuança pa-
publicos.

brasileiro comprehendeu que
tempo das mystificações e já se
tante orientado pelo amargôr
das provanças.

para a sua direcção supre-
patriota benemerito cuja exist-
manifesta-se sem maculas e consti-
formoso exemplario de sincéras e
tes dedicações.

são esses actos de opportuna justiça e
cendrado e magnanimo civismo
nunciam na alma das gentes livres
robustos desejos de serem fortes, pe-
a perseverança no trabalho honêsto ou
de majestade sublime do pensamento.

* *

Antonio Marinho, o primeiro talento critico do Rio Grande do Norte, que sem pre elaborava os seus estudos sem desacompanhar-se da justiça altiva e pura, da verdade incisiva e sem rebuços,—qualidades que adquiriu na convivencia intellectual de escriptôres eminentes,—affirmou uma vez que nós passamos longo tempo n'uma condemnavel estagnação litteraria, para depois surgirmos da penumbra apresentando revistas ephemerias, periodicos de escassa imputabilidade, n'uma

Temos um governador de inatacavel honradez, de solido patriotismo e brilhante cultura espirital.

E referindo-me a elle, desejo apenas apontal-o como um dos factores preeipuos do nosso progresso, em seus multiplos desdobramentos.

Podemos orgulhar-nos de chronistas como Henrique Castriciano, Salomão Filgueira e Ponciano Barbosa; de historiadores como Luiz Fernandes; de poétas como S bustião Fernandes e Luiz Lôbo; de commentadores illustrados e infatigaveis como Honorio Carrilho, e de outros formosos talentos como José Augusto, Ezequiel Wanderley e Pedro Alexandrino.

Vejo tambem outro symptoma de intensa vida—nas disputas litterarias dos ultimos tempos—, em que se empenharam, primeiramente, os meus talentosos amigos Ferreira Itajubá e Francisco Pereira, que se esgrimiram com o maximo cavalheirismo.

E sobrepondo-se a tudo, o nosso vigoroso desenvolvimento material mostra perfeitamente que avançamos com cautelosa celeridade para os proximos tempos que nós todos desejamos que tenham um alvorecer feliz.

A prosa já vai longa.

Gothardo Netto



Soneto

Para Ezequiel Wanderley

Mãos! têm a côr das innocentes rosas!
Gosto de vel-as, gosto de beijal-as,
Quando nas minhas, tremulas, nervosas,
Tenho o supremo goso de apertal-as.

Mãos adoraveis, puras e mimosas!
Ah! se eu pudesse sempre contemplal-as,
Para, com phrases doces, carinhosas,
Nas rimas de meus versos decantal-as.

Nellas eu leio, apaixonadamente,
Um futuro de amor, bello e ridente,
E do passado uma feliz lembrança!

Ah! se eu pudesse eternamente vel-as
Presas nas minhas, para sempre tel-as
Como um sagrado mimo de esperança.

Antonio Glycerio

Dois dedos de prósa...

Os moços da «Officina Litteraria Lourival Açucena», nucleo de ardorosos pelejadores da causa sacrosanta das Letras, neste obscuro recanto da grande Patria, pediram-me algumas palavras para esta edição do POTYGUAR, que márcia o inicio de sua transformação em esperançosa «revista».

Que posso eu dizer aos meus distinctos coestadanos, que não sejam palavras de incitamento em seu nôvo e patriotico tentamen?!...

Bem sei que os que se revelam tão na altura dos ideães de progresso e engrandecimento que os animam, não precisam de emulações estranhas ao seu proprio sentir.

Elles, por si, sem concursos adventicios, tem a precisa energia para commetimentos taes. E si assim não fosse, de uma emprêsa tão grandiosa e difficil têr-se-iam em tempo eximido...

Porque,—é preciso que os meus amigos saibam,—isto de «letras», neste paiz, continúa sendo a mais ardua das applicações intellectuaes. «Não dá honras,—como já o dizia o philosopho sergipano,—nem aquillo que se compram os mellões...» E, para servir-me de uma phrâse historica e pitoresca, é uma cousa... para inglez vêr...

Esta é a verdade. Ha, porém, outra face da questão. «Cada cousa tem as suas nôve fáces...»

Ha a fáce que de mais pe interessa, que interessa a quanto acima das preocupações de orden material, collócam as questões que se referem ao engrandecimento moral da especie.

«Nem sò de pão vive o homem...» no sentido de que, ao lado do bem-estar physico e individual, temos o devêr de nos interessar, quanto possível, pela «espiritualisação» de nossa moral. E certamente vos recordareis que as luctas trava as neste sentido são mais renhidas e porfiadas.

Desde a condemnação de Sôcrates aos nossos dias, cada etâpa vencida pela humanidade no sentido do seu adiantamento intellectual, constitúe um

márcio indelével do seu infindável martyrio.

E porque não assim com os chamados «progressos matóricas»?!

Eis porque, com as saudações que vos envio por este louvável commettimento, eu não me pude eximir dos conceitos um tanto pessimistas, que ficam acima exarádos.

Perdoai-me, e contai sempre que vos aprouvér, com o insignificante concurso do menôr dos vossos admiradôres—

Honorio Carrilho



Palavras loucas

Ao Gabriel Gomes

Digam-me embôra os labios infamantes,
Os rubros pensamentos despeitados
—Que os teus risos são laminas cortantes
Que deixam corações estilhaçados;

Rujam, blasphemem peitos empolgados
Por essas carnes aromatizantes,
Por essas atrações avassallantes
Dos teus seios lascivos e sagrados...

E's a mulher de languidez formosa,
Que tem no rosto edenicós dulçôres,
E um mimbo de semblante côr de rosa...

Gôsto de ver-te—esbelta e sobranceira—
Devastando illusões, matando amôres
Com teu pôrte de moça bandoleira.

Colharido Netto



Augusto Severo

Transecorren a 12 do corrente a grandiosa data que assigna o fallecimento, na capital franceza, do nosso eminente conterraneo Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, o imperterrito cientista que o Destino precipitou das alturas quando procurava resolver o magno problema da navegação aerea.

Esse acontecimento, que teve vasta repercussão em todo o mundo civilizado, confrangeu em particular o coração generoso do Rio Grande do Norte,—a pequena circumscripção politica onde o benemerito extincto formou o seu espirito e o seu coração.

Rememorando esse doloroso facto que, não obstante, cobriu de gloria a fecunda patria potyguara, cumprimos apenas um dever apontado pela consciencia e pelos estímulos soberanos do patriotismo.

Conto para 1920

OS NOIVOS

—Não quero mais nem ao menos vel-o! Ingrato!

—Porque?

—Pois não sabes? Contou-me a vizinha, que elle é um conquistador de primeirissima!

—Toma o primeiro bonde que encontra, toca para a Cidade Nova e lá passa todo o domingo.

—Não é assim como se diz...

—Ora se não é! Olha, a nossa amiga Lulú, disse-me ter occasião de encontral-o a conversar com a Lucinda nas proximidades da Cathedral, longo tempo.

—Mas valha-o, Deus! Quem se pode livrar da prosa interminavel da Lucinda? Principalmente quando ella começa, (pondo as mãos no seio e affectando a voz para arremedal-a)— O Sr. não avalia como aprecio o banho na formosa praia do Monte! Foi hontem ao "Carlos Gomes"?

—Ora! Sempre tens descu'pas para o João!

—Porque vejo que as merece.

—Com mil e tantos Argentinos! Sô tenho por mim meu coração que, graças a Deus, sempre me é leal.

—Garanto-te que não está sendo agora.

(Uma vóz simpatica á porta:)

—Condêssa!

Ambas de uma só vez:

—Ahi está elle!

—Entre, Snr. Conde da Cidade Nova!

Responde a noiva contentissima:

A sua defensora:

—Falou-se de mal...

Elle risonhamente entrando:

—Já sei, fallavam de minha pessoa... sempre assim! Bôas noites, como passam?

João assenta-se de calças curtas, meias elegantes até aos joelhos, conforme o extravagante rigor da moda futura.

Estará vivo n'esta epocha quem se assigna—

F. Maia?

Versos a uma saudade

Para o Erasmo Emerenciano

Recordo-me de ti todos os dias;
 Todos os dias lembro os teus encantos,
 E já não vejo mais teus olhos santos
 Que me offertavam santas alegrias.

Recordo-me de ti todas as horas
 Que solitário passo... Ai, como choro
 Por não ver esse olhar que tanto adoro,
 Por não saber, ó flor, si por mim choras.

Vives commigo, amor, como negar-te?
 Teu nome não me saa do pensamento;
 Como esquecer-te, amor, um só momento,
 Vendo-te sempre, amor, em toda parte?

Julgaste-me um feliz de alma ditosa...
 Tens razão, sou feliz, meu bem amado,
 Por saber que não tens um namorado,
 Porque tenho certeza que és virtuosa.

Rezas muito. Eu também entro na igreja
 E, recordando os teus mimosos traços,
 Imploro a Deus que te illumine os passos,
 Imploro à Virgem Mãe que te proteja;

Que te faça feliz, como disseste
 Que eu sou. Sim, que te livre do martyrio
 Desta existencia atrás, celeste lyrio,
 Deste mundo tão mau, lyrio celeste.

Silvino Gama.



Lethargico

Hypnotisado por um estranho Ephialta, minha alma desadunada da carne, numa ascensão ideal de sonhos ideaes, subia, subia e subia muito, por umas escadarias babellicas, marchetadas de pedrarias purpureas, rubentes, que se erguiam magestosas para o Immenso ceruleo.

Abysmada neste pompadoreseo Eden, neste Mundo sonhado, minha alma entre um cortejo solemne de estrellas alegres, que acclamavam na freneticamente, gloriosamente, foi transfundida em astro, pela sensual—Odalisca fabulosa do opulento Mar Sultão, que, se ergueo pallida e morbida, como se fosse em orgias baccellicas, ia rasgando em hystericismos voluptuosos as brumosas nuvens irisadas, como seios arfantes, mornos e lascivos, rasgando as carnes puberes, na quadra illuzoria da illuzoria mocidade.

Aos toques de clarins estridentes e trombetas metalicas, as estrellas dispersas

saudavam em cantares hosannicos a chegada da formosa Ophelia plenilunniante. A Via-Lactea numa vozeria unisona de hymnos e psalmos archangellicos, prestava também reverencias, em louvores rai-dosos a Czarina prodigiosa do Ceu infinitamente turquisado.

E á maneira de um cysne a vagar na placidez das aguas de um lago encantadamente azul, assim perecorria a extensão empyrica, circundado de astros flavescerentes, este encantante plenilunio de ouro, derramando em phantasmagorias esplendentes, a macillencia de seus reverberos frouxos e descorados, sobre a immensidade do Kosmos; clareando desde a grandiosidade oceanica, até a pequenez do correjo suave; e desde as matas virgens e exoticas, até os vergeis de rosas aromantes.

Como aves loiras, em bando, cortando com seus vôos a vastidão do Espaço, assim continuava cortando a grandeza saphyrica, a phalange de estrellas flavas, castidas solem-nemente em cazulas de damasco e dalmaticas de seda, sob o Pallio do Ceu, numa confusão de nuvens perfumadas, soltas pelas espiraes dos thurybulos cinzelados, e dos cantos sagrados, extimados maviamente por cytharas e harpas orphenicas, o encontro de Venus, que nascia entre as scintillancias de seus clarões aureoreaes.

E nestas vagações de astros, fui despertando desta modorra, enquanto minha alma descia, descia, descia pelos filêtes resplendentes e argenteos da lua luxuriante, que aos poucos iam perdendo a intensidade de seus trefegos brilhos transcendentaes, com a Ressurreição da madrugada branca e muito branca, que surgia entre as purpuraras diaphanas do Oriente...

Josué Silva.



Raul Potengy

Para a Capital da Republica seguiu no dia 2 de maio, a bordo do "Manãos", o nosso intelligente amigo e collaboradôr Raul Augusto Potengy, operario da Imprensa Nacional, a quem desejamos que tenha feito bonançosa viagem.

NOSSO NINHO

Olha, amada, pensei: quando a sorte juntar
Por toda a eternidade os nossos corações,
Das cidades distante, iremos habitar
Um ninho de ventura, á luz das Estações.

Lá teremos, no campo, então, ditoso lar
—Um abrigo feliz ás nossas illusões!
Viveremos nós dois, risonhos, a cantar
N'um deliquio d'amor, selvaticas canções.

Emballados n'um sonho eternamente doce,
Viveremos assim, que suprema ventura!
N'um fecundo viver, então, como se fosse

Um mimoso casal de passaros, amado:
—Nos teus labios, do Hymeto eusorvendo a doçura,
—tu cantando ao luar as arias d'um noivado!

Natal—Maio—910.

Jayme Açucena



EM VOZ BAIXA...

A belleza do espiritualismo é o amor das almas. Essas palavras deste extraordinario Alvares de Azevedo, afluaram-me aos labios quando, viajando em trem, com a alma vareta desta nostalgia de quem viaja, lendo o grande livro da natureza, cujas delicias paginas tem mais harmonia e encanto do que esta estapafurdia agremiação de philosophias oucas, um sujeito de bonet inglez, chamou-me ao real, offerecendo livros de poetas anonymos e, entre elles, como uma luz dentro da noite, uma brochura do mencionado escriptor.

A minha familiaridade com *a noite na taverna* data dos meus distantes tempos escolares; porem, o desejo de re-ler-na, naquella occasião, foi tão doudo, que não me dominei e pelo diminuto preço de 500 rs, comprei-a.

O escriptor de pulso de 1850, de quem o magnifico João do Rio diz ascousas mais lindas; cujo poetar shakspeareano tanto me embriaga deste vinho capitoso e amargo da saudade; o poeta da metade ultima do seculo das luzes, romantico e sentimental, não deste sentimentalismo chronico e banal que com o nome de pessimismo diabolico avassala a alma metalisada dos novos e de alguns velhos, mas do castissimo e emotivante sentimentalismo deste torturado Lamartine—ultima flor de sua geração—o apaixonado e des-

crente, cuja sina era amar muitos sem ser amado, (e é nisto que me assemelho ao poeta), foi então meu companheiro de viagem, desta felicissima viagem em que encontrei como passageiro o excellentefo-lheto.

E desde então, a figura sympathica do estylista delicioso, apparecia-me de vez em vez, em cada novo periodo lançado no papel como uma pedra na construção de sua genial obra d'arte, e a medida que eu ia lendo-o, os meus sentidos sentiam uma piedade quasi religiosa pelo premeditador do seu desaparecimento material de entre os que arrastam esta pesada canga da vida—se eu morresse amanhã—porque a obra de Azevedo, no meu fraco modo de pensar, é eterna como a inveja e o crime..

Uma estranha lenda fez-se em torno de seu nome em assumptos de coração.

Os desprestigiadores criminararam-no de haver amado em segredo a sua irman.

Como lendas são fantasias, não me permitirei a um estudo psychologico do analysta impecavel do Jacques Rolla de Musset, paginas a dentro da sua obra.

Tenho, porém, e hão de convir conmigo os que o veneram, que aquelle espirito superfino não sentiria pela triste irman mais do que este amor humano e fraternal.

Alvares de Azevedo, antes de ser um apaixonado, era um grande amante das bohémias academicas—que melhor noite que a passada ao reflexo das taças—e se a sua musa entrestecida e apaixonada vibrava na construção do verso amoroso e sentimental—arvoredo do bosque abri os ramos, deixai a lua pratear-me a louza, não era a intensidade de sua vibração na satyra mordaz—entre o fogo do vinho e o fumo do charuto. E para não ir mais longe nesta reconstrução da figura sympathica do moço escriptor, termino com estes versos do respeitavel mestre J. Bonifacio, com que elle inicia os seus sete contos fantasticos que são outras tantas bellas de nossa litteratura preciosa, e digo preciosa porque a vulgarisação barateou-a...

Becamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dôres!
Que importão sonhos, illusões desfeitas?
Feneceem como as flôres.

J. G.

Chronica

Minha amiga—

Faço-te esta num Domingo de chuva e de martyrisações. De martyrisações, digo bem, porque tenho como a alma a se partir de saudade. Ah! e como doe a saudade! Como é tyranno este mal! Si delle já soffreste é bem provavel que commigo sintas o martyrio que sinto ao leres estas linhas escriptas com as cores alvas das suas brancas tristezas! Si a não sentiste, porem, bem longe estarás de comprehender o que soffro nesta tarde martyrisante de um Domingo chuvoso.

Ha flores por toda a parte! Maio desabrocha a rir os ultimos jasmims deixados por Abril. Ha em tudo, e eu vejo, esta alegria estonteante, louca, perceptivel, que se avesinha de todos os seres e de todas as coisas neste mez florido e sublime, onde a fecundez da terra e os risos aquosos do ceu dão vida a uma infinidade de flores campestres deixadas por Abril.

E aqui do meu retiro, ninho que já teve cantares e viveu em festas nos ramos da cidade, eu percebo as ondas sonoras que partem do sino da nossa egreja, nessa hora feliz e tristonha em que te escrevo e que as *Ave Marias* soam, sobem e se perdem por este infinito plumbeo, cheio de nimbos pesados e sombras crepusculares.

Talvez mais ditosa que eu, estasjas a cantar, quando gemo, a sorrir quando choro—antonymos da vida, lenitivo adoravel dos padecimentos!

E quem resistiria o mundo sem as suas variações?! Sem as suas primaveras de sol d'oiro e os seus invernos de lagrimas pesadas e brancas?! Até a natureza é mutavel; tem seus dias de festa e noites de amarguras.

Não te assustem o meu modo de pensar e as minhas manifestações rebeldes—são as revoltas de um espirito cansado por tantos e tão longos soffreres...

São apostrophes contra as sociedades—carnavaes desfarçados que

perambulam ás ruas do descriterio e falta de amor-proprio.

Estuda; procura ler ao menos as paginas de nossa vida; e, então, verás se tenho ou não razão, nestas linhas que te faço, de, acerbamente, manifestar-me desta forma.

E nós as mulheres o que somos? Um conjunto de cellulas animadas por um elemento vital e expostas ao irrequieto menoscar dos homens, estas verdadeiras feras sociaes.

Nós, minha amiga, para elles somos destituidas de tudo quanto é sentimento. A mulher é uma imperfeição da natureza, sem amor e sem sonhos, sem esperança e futuro.

Agora mesmo acabo de ler a quadra que transcrevo e que bem de perto te irá dizer o que pensam de nós.

Quem encontrou mulher certa,
Sempre constante e leal,
Importante descoberta
Fez na Historia Natural.

Ninguem, fala, entretanto, da hypocrisia kariotesca dos homens; destes entes instinctivamente inclinados á pratica do mal... ninguem fala...

Nós é que synthetizamos o fingimento e a perfidia, a traição e a volubildade! E sabes porque? Porque nos circos sociaes, nós, as mulheres, somos menos palhaço que elles, e muito menos do que elles rimos...

A vida é o riso; o louco já é um ente social...

**

Adeus. A noite acaba de, sinistramente, me envolver de sombras e por isso aqui do meu retiro, ninho de recordações e saudades, eu termino estas linhas que te escrevo, neste Domingo de maio chuvoso e que vem desabrochando os ultimos jasmims deixados por Abril.

Um beijo e adeus. Tua—

Dinorah dos Santos

Por proposta do nosso compaheiro Gomes da Silva, foi acceito como membro da Officina Litteraria "Lourival Açucena" o digno joven Octavio Pinto, a quem effusivamente abraçamos.

Um parasita

A primeira vez que o Admarco Mourão foi na *terrasse* do Passeio Público, onde achavam, entre dois amigos, numa alegre paiestra.

Acabavamos de ouvir alguns trechos da muito popularisada opereta — A Viuva Alegre, executados com maestria pela apreciada banda do Corpo de Bombeiros, quando nos appareceu o bom amigo Feitosa acompanhado do Admarco Mourão — conspicuo jornalista, talentoso poeta, terrível conquistador, bom rapaz e alegre trocista, — segundo a apresentação d'aquelle.

Depois de alguns minutos, enquanto esvasiavamos algumas garrafas da *Beck-Ale*, o nosso herói, o Mourão, relatou-nos numerosa serie de suas aventuras, aventuras em que o já desmoralizado Adulterio não andava muito longe...

E o Mourão, para aguçara ainda mais a nossa curiosidade sobre a sua pessoa, falou-nos tambem dos seus escriptos, a maioria dos quaes inédita, não porque temesse a critica imparcial e justa, mas porque achava que o *meio* ainda era muito acanhado... para que um novel escriptor, *embora de mérito*, pudesse conseguir uma certa nomeada... pudesse, enfim, fazer grande successo! E, quasi sempre, com ensaiada attitudo — soltava alguns termos em francez, desses termos já por de mais usados em revistas e romances nacionaes. E o Mourão falava sem cessar, quasi sem permittir que dissessemos mais de quatro palavras.

Qualquer que o ouvisse falara outro — das artes para o militarismo — julgaria estar em presença de um mogo preparadissimo e do qual a Patria ainda havia muito de esperar...

No entanto, (triste contraste e cruel irrisão!) o nosso Mourão não passa de um grande *conversa*, de um verdadeiro phonographo humano, (só reproduzindo conceitos de alguns amigos) e de um refinado *parasita*, d'esses que vivem pelos *restaurants*, cafés e confeitarias a filar, ora um almoço ou jantar, ora uma cerveja ou café, ora uma cadeira para o Cinema ou uma passagem de bond — d'aquelles que tem a desventura de o conhecer!

O Mourão veste-se com certo apuro, si bem que vá sempre aborrecendo o seu chefe eleitoral, dando *facudas* nos amigos do fallecido pae e, quasi sempre, deixando de dar as ultimas prestações ao pobre alfaiate! Cada roupa, cada alfaiate. Talvez não tenha encontrado ainda um do seu gosto...

Quanto á residencia, o nosso Mourão não a tem certa; pois vive da casa de um amigo de infancia para a casa de algum dos companheiros de troças.

A's vezes, o Mourão aluga um quarto mobiliado e, ao chegar o fim do mez, ell-o com evasivas para o proprietario, resultando afinal, sair devendo uns dois ou trez mezes.

Nas suas mudanças vai o Mourão deixando pelas tabacarias proximas contas que, por certo, continuarão *eternamente* nas secretárias dos respectivos proprietarios.

A unica occupação do Mourão é perambular durante todo o dia pela rua Ouvidor e Avenida Central, procurando chamar a attenção dos que passam sobre a sua pessoa.

A's vezes, postado em frente do edificio do *Correio da Manhã*, o Mourão, todo solenne, espera passar por jornalista ou reporter...

Oh! reporter! Esta é a sua mania predilecta. Com que prazer, nos bailes da Cidade Nova, lá no Saco do Alferes, o nosso Mourão fingia de reporter! Ia para um e outro lado, com sorrisos esudados, de fiór á lapella, tendo nas mãos algumas tiras de papel e um delicado lapis, n'um doce afan, a tomar notas e querendo pormenorizar tudo, sem nada escapar... E, ao fim do baile,

o Mourão sahia todo empertigado e alegre, convencido de que cumprira um dos maiores deveres de sua existencia! E logo corria pressurôso ao *Correio da Manhã* ou ao *Jornal do Brasil*, a pedir a algum seu conhecido uma noticia sobre a festa a que compareçera. Algumas vezes sahia vencedor; outras, porém, promettiam-lhe e não publicavam a desejada noticia... e, ao perguntarem-lhe depois sobre a noticia do baile, com certa entonação elle exclamava: Qual! não poudesse! Tinhamos muita materia inadiavel, accumulada... Mas, ficará para outra vez, meu caro! E la ia rua a fóra o nosso Admarco Mourão...

Actualmente, onde chega, vai o Mourão discutindo sobre o militarismo e civilismo, sobre o cometa Halley, sobre o perigo da Mãe Negra no Brasil, sobre o divorcio, e vai fazendo a propaganda da Liga Anti-Matrimonial, por elle fundada, e mostrando a conveniencia de ser adoptada em nosso paiz a pratica da doutrina do Amor Livre! (Safal...)

São esses, caro leitor, alguns traços caracteristicos do Admarco Mourão — que me foi apresentado como conspicuo jornalista, talentoso poeta, terrível conquistador, bom rapaz e alegre trocista...

R. Potyguara

A «Officina Litteraria Norte rio-grandense», em reunião de assembléa geral, resolveu transformar a sua denominação primitiva, substituindo-a pela de — Officina Litteraria «Lourival Acucena».

Esta deliberação traduz apenas uma sincera e despretenciosa homenagem ao velho trovador bohemio, cuja lembrança permanece redíviva na memoria da geração presente, e cujas estrofes palpitam sem refalsados sentimentos, ás vezes tristonhas como um aneio dolorôso de alma proscrita; ás vezes alacres como descantes de passaros felizes, no mysterio bucólico dos arvorêdos em festa.

CARETINHAS

TIRANDO A MASCARA

Baixo, magro, feioso, divertido,
Amante dos violões, das serenatas,
Das brancas, das morenas, das mulatas,
Sem nunca em "certas coisas" ter cahido.

Na imprensa, a rabiscar, sempre mettido,
Produzindo quadrinhas e cantatas;
Companheiro das almas mais pacatas
Que nesta boa terra têm nascido...

Amigo o sócio de qualquer brinquêdo,
Dos bailes que comezam logo cêdo
E terminam pegando o sol com a mão...

Eis prompto o meu retrato nestas rimas;
Vê pois si a conhecer hoje te animas
Teu amigo, leitor —

J. Risão

Officina Litteraria

LOURIVAL ACUCENA

Fundada a 12 de Outubro de 1903 com
o titulo de Gremio Litterario

12 DE OUTUBRO

SOCIOS EFFECTIVOS:

Ivo Filho	José Goffardo Nello
J. Estevam Gomes da Silva	Manoel Ferreira Itajubá
Manoel Januario de Mello	Josué Pabyra da Silva
Antonio Glycerio	Antonio Emerenciano
Jorge Fernandes	José Gobat do Nascimento
Manoel Soriano Silva	Ulysses Seabra de Mello
Ponciano de Moraes Barbosa	José Rodrigues Filho
Lucio Seabra	Octavio Pinto

SOCIOS CORRESPONDENTES

JOÃO BAPTISTA DO NAS- CIMENTO - Pernambuco.	CLEMENTINO CAMARA E JERONYMO PINHEIRO
RAUL POTENGY - Rio de Ja- neiro.	- Amazonas.
	ANGYONE COSTA - Pará.